

MEANDROS DA CENTRALIDADE URBANA EM NATAL

MEANDERS OF THE URBAN CENTRALITY IN NATAL

Josélia Carvalho de Araújo¹

RESUMO

O tema centralidade urbana é tratado, nesse artigo, segundo os diversos caminhos que foram traçados na busca da apreensão da natureza da centralidade urbana em Natal, tendo como pressuposto inicial de que, sendo o espaço urbano heterogêneo, permeado por uma gama de *conteúdos, processos e formas*, a centralidade urbana resulta por apresentar-se ou conformar-se segundo uma natureza diversa. Essa diversidade expressa então centralidades conforme as dimensões: histórica, econômica, cultural, simbólica e ideológica, definindo vários centros na Cidade do Natal, configurando-se assim uma condição de multicentrismo. Como resultado do processo investigativo junto às secretarias municipais da cidade, estabelecendo diálogo com as suas práticas de gestão, ficou patente que a centralidade urbana em Natal, além de diversa, é multicêntrica, porque os diversos centros são complementares entre si, conforme aponta o aporte teórico utilizado na concepção desse artigo.

Palavras-chave: Centralidade Urbana. Natal. Natureza da Centralidade.

¹ Professora do Departamento de Geografia – Campus Central – Mossoró da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - joseliacarvalho@gmail.com

ABSTRACT

In this article, the theme of urban centrality is dealt with according to the several paths that have been traced in the search for the apprehension of the nature of the urban centrality in Natal (Rio Grande do Norte state, Brazil), having as initial assumption that, being the urban space heterogeneous, permeated by a range of contents, processes and forms, the urban centrality results by presenting itself or conforming to a diverse nature. This diversity then expresses centralities according to the dimensions: historical, economic, cultural, symbolic and ideological, defining several centers in the city of Natal, thus forming a condition of multicentrism. As a result of the investigative process with the municipal secretaries of the city, establishing dialogue with their management practices, it became clear that the urban centrality in Natal, besides being diverse, is multicentric, because the various centers are complementary to each other, as highlights the theoretical contribution used for the accomplishment of this article.

Key words: Urban Centrality. Natal city. Nature of Centrality

1 Introdução

Seguindo os rumos de uma nova abordagem de centralidade urbana é que o pensamento de Sposito (2010) vem à tona, trazendo novas discussões e possibilidades de leitura para as dinâmicas que se processam no espaço urbano. Do pensamento da referida autora, o conceito de *multicentralidade* figurou como oportuno ao nosso trabalho, haja vista permitir falar da multiplicação de centros urbanos dentro de uma mesma cidade segundo uma dinâmica de complementaridade, fugindo à discussão centrada no centro único.

Nesse trabalho, a problemática principal partiu do pressuposto que, sendo o espaço urbano o espaço urbano permeado de uma gama imensurável de *conteúdos*, *processos* e *formas*, a centralidade urbana carece de ser apreendida em sua natureza diversa. A diversidade da natureza da centralidade urbana se constitui, em primeiro lugar, pelos seus *conteúdos*, os quais se configuram na razão de ser da centralidade, haja vista serem eles que atraem fluxos de pessoas aos centros. Isto porque temos claro, a partir do diálogo com a literatura atinente à temática centralidade urbana, que sua razão de ser consiste na atração de fluxos.

Essa problemática, no caso da centralidade urbana em Natal, pode ser identificada desde a formação do *núcleo do centro histórico*, pela condição de complementaridade das atividades terciárias entre os três bairros constituintes: Cidade Alta, Ribeira e Alecrim.

Resultante dessa condição de complementaridade é que podemos depreender que os diversos centros estiveram, desde o início, sob uma condição de multicentralidade.

2 Bases e rumos do diálogo a respeito da centralidade urbana

A propósito do termo de abertura deste artigo, entendemos que a construção de um caminho de leitura da centralidade urbana se faz de forma sinuosa, tendo que contornar diversas acepções de centralidade, cada uma emanada, principalmente, do conteúdo gerador. Desta forma, estarão, ao longo do “caminho” de leitura da centralidade urbana, conteúdos como: o histórico, o cultural, o simbólico, o ideológico e o econômico.

Dentre estes conteúdos, as práticas mais comuns de apreensão da centralidade urbana sempre focam o histórico ou o econômico, ao serem estudados os centros históricos das cidades, como área de interesse de arquitetos e urbanistas ou geógrafos preocupados com a geografia histórica; ou as centralidades econômicas que se conformam nos espaços urbanos, preocupação mais comum aos geógrafos em geral, ao terem como foco a produção do espaço.

Mas, quase sempre, senão o histórico e o econômico, outros conteúdos são negligenciados no estudo da centralidade urbana. E como sabemos, o meio urbano é formado por uma diversidade, não por uma homogeneidade em seus conteúdos, razão pela qual defendemos que a natureza da centralidade urbana há que ser apreendida em sua forma diversa, em seus *conteúdos, processos e formas*.

Ao revisitarmos as origens da temática centralidade urbana, admitiremos ser ela emanada de uma teoria de base econômica, formulada por Christaller, em 1933 (CHRISTALLER, 1981). Mas, desde então, incontáveis foram as discussões em torno das proposições defendidas por esse pensador, algumas contra, outras a favor. No Brasil, duas vozes principais a respeito da tão prolapada “Teoria de Christaller” ou Teoria das Localidades Centrais se fizeram ecoar do pensamento de Santos (1979; 2003); e Corrêa (1997; 2005), ambos os autores propondo de forma consoante uma revisão à referida teoria, ao que concordamos, e tentamos, nesse trabalho, descortinar os resultados desse desafio.

Entendemos que tal desafio consiste em ir além do econômico, empreendendo uma leitura de centralidade urbana para além de dados de comércio e de serviços, buscando apreender o espaço urbano segundo as suas mais diversas possibilidades de práticas espaciais. Dessa forma, apreendemos o espaço urbano em sua dinâmica, segundo lapsos de tempo que se descortinam ao nosso olhar, revelando que as centralidades mudam conforme esses lapsos

de tempo, porque os sujeitos da prática espacial mudam, conforme ponderou Sposito (2010; 2013). Consiste em também em ir além também o histórico, porque esse histórico, quase sempre estabelecido por instituições de preservação do patrimônio histórico, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o qual se preocupa tão somente com as fachadas, ou, em seu dizer, com o “conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico” (PESQUISA DE CAMPO, 2016).

E mesmo esse histórico, ou essa “fachada”, aparentemente inerte, apresenta-se ao nosso olhar como uma *forma* preche de um *conteúdo* histórico, capaz de atrair fluxos e a gerar *processos* de visitação, os quais são dinâmicos, e, por sua vez, terminam por dinamizar a economia da cidade, sob a forma de atividade turística ou turismo pedagógico/aula de campo, o que dinamiza o comércio e os serviços em dadas áreas da cidade.

Assim, vemos que basta colocarmos em diálogo apenas dois dos *conteúdos* da centralidade urbana, quais sejam, o histórico e o econômico, para percebermos que há uma sinuosidade entre os caminhos de leitura da temática, ou seja, que a mesma não há que ser empreendida apenas por uma via, sob pena de empobrecer a riqueza de *conteúdos* que geram a centralidade urbana. Defendemos que há, sim, um entrecruzamento dos *conteúdos* produzidos e apropriados no espaço urbano, os quais geram centralidades urbanas que se conformam e se expressam sob diversas *formas*, gerando contínuos *processos* de produção do espaço.

Dentre os diversos conteúdos que concorrem para definir a natureza da centralidade urbana, como o histórico, o cultural, o simbólico, o ideológico e o econômico, em algum momento da análise, um ou outro se sobressai, mas a opção de quem analisa urbana não pode esmaecer os outros conteúdos constituintes da centralidade, porque ela não se conforma em função apenas de um *conteúdo*, mas em, torno de diversos, porque o espaço urbano é diverso, heterogêneo.

Podemos esclarecer essa postura com o seguinte argumento: a propósito das centralidades de natureza econômica, por exemplo, os bens comercializados são de natureza diversa. Não são apenas mercadorias tangíveis à reprodução da vida biológica. Alguns são materiais, mas há também os imateriais. Até mesmo os preços segundo os quais os produtos são oferecidos são uma representação, apesar de não ser nosso foco de discussão a categoria valor. Mas sabemos que os preços, quase sempre, não correspondem ao bem consumível.

Assim, basta estabelecermos um ângulo de visão a partir do qual analisaremos uma centralidade urbana, e um leque de possibilidades se descortina ao nosso pensamento, porque

sabemos que, no meio urbano, os sujeitos que interagem nas práticas espaciais não estão enclausurados, ora como consumidores de mercadorias, ora como agentes políticos, ora como gestores. Antes, são cidadãos que estabelecem relações entre si, e face ao Estado, de contínua produção do espaço, um espaço diverso, heterogêneo, razão pela qual apreendemos, nesse meio, centralidades urbanas de natureza diversa.

Essa postura a respeito da centralidade urbana, de ser apreendida em sua forma diversa já era por nós formulada enquanto antecipação metodológica, ao emprendermos o trabalho em tela, ao que pudemos constatar ao desenvolvermos a pesquisa de campo, e estabelecermos diálogo junto a diversos gestores da municipalidade natalense, e a alguns líderes de organizações da sociedade. Dessa forma, os resultados ora apresentados vêm a calhar, indicando que o título desse artigo se faz oportuno, e uma metáfora aos rumos empreendidos na pesquisa de campo.

A análise do discurso desses gestores ou líderes nos dá conta de quais, e até mesmo quantos “centros” a Cidade do Natal apresenta, e que esse discurso representa um pensamento, que termina por influenciar um modo de agir e de gerir o espaço urbano natalense. Mais ainda: que os referidos “centros” que se evidenciam em Natal não emanam tão somente da municipalidade e dos líderes de organizações sociais, antes, são também formas de expressão-apropriação do espaço por parte do cidadão natalense, as quais são acolhidas e consagradas enquanto centralidades urbanas, ao serem aceitas e publicizadas. Os resultados obtidos por esses meandros trilhados em nossa pesquisa serão a partir de então objeto da nossa exposição e análise.

3 Os centros de Natal, cidade multicêntrica desde a sua gênese

Natal sempre foi tida como uma cidade “policêntrica por natureza”, afirmação essa defendida em debates acadêmicos pontuais. Mas, ao emprendermos uma investigação mais cuidadosa em torno do tratamento teórico metodológico da temática, Sposito (2010, p. 205) vem nos alertar que o policentrismo se faz quando centros “[...] rivalizam entre si na medida em que cada uma delas tenta ampliar sua capacidade de atração.” Em sentido oposto, o multicentrismo se faz quando há a conformação de vários centros, complementares entre si, sem a presença da disputa por atrair consumidores e/ou frequentadores.

É então nesta segunda proposição que ancoramos nossa leitura da centralidade urbana em Natal, a qual se apresenta de forma diversa e multicêntrica. Isto porque, na prática, os

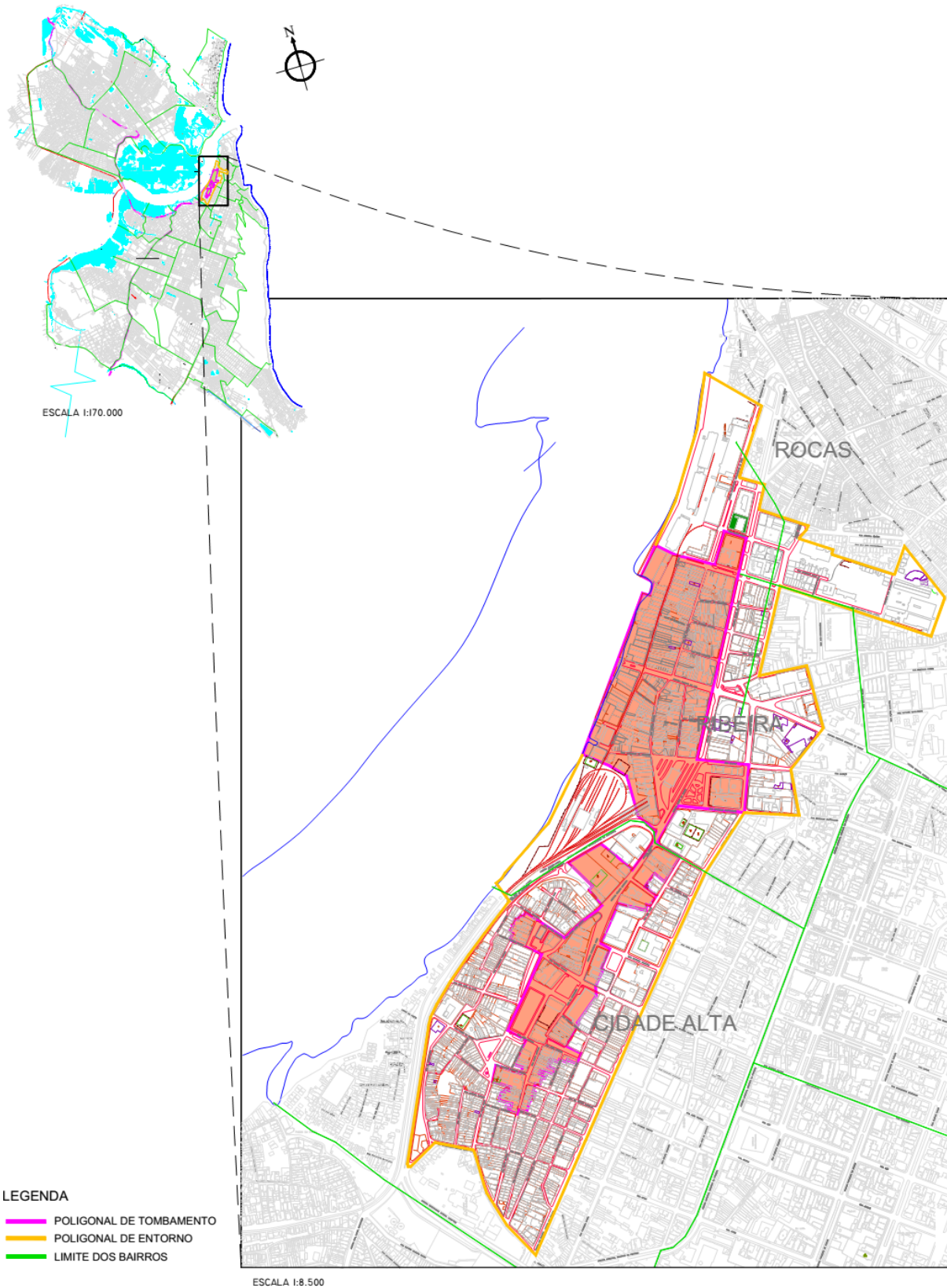
diversos centros que a referida cidade apresenta, a depender do conteúdo que elegemos para aportar nosso ângulo de análise, por serem diversos em seus *conteúdos*, *processos* e *formas*, atraem frequentadores igualmente diversos, à baila das suas demandas, sem necessariamente haver disputa por estes frequentadores.

Um exemplo claro que se configura, se nosso ângulo de análise for o *conteúdo* comércio, e ao colocarmos em diálogo os centros Alecrim – enquanto maior centro comercial da cidade – e Lagoa Nova – enquanto bairro que abriga o “corredor dos *shopping centers*”, não há como identificar uma disputa por atração de consumidores, porque o nível de renda se encarrega de selecionar distintos estratos sociais. Ademais, uma é a cultura do comércio popular, que recai sobre o Alecrim; outra é a cultura do *shopping center*, que recai sobre Lagoa Nova. Dessa forma, podemos afirmar que cada centro detém, segundo a sua natureza, a centralidade que lhe é inerente. Ou dito de outra forma, a centralidade urbana é inexorável a cada centro, a depender do ângulo de análise.

Para o IPHAN, o “Centro Histórico de Natal” abrange parte dos bairros Cidade Alta, Ribeira e Rocas (Mapa 01). Para o estabelecimento desse centro histórico concorrem aspectos atinentes ao “conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico”, que guarda a memória e a cultura da cidade, facultando-nos a definir essa área como detentora de centralidade de natureza histórica (PESQUISA DE CAMPO, 2016; COSTA, 2016, informação verbal²).

² Entrevista concedida por Andréa Virgínia Freire Costa, superintendente do IPHAN/RN, em 09/03/2016.

Mapa 01 – Centro Histórico de Natal



FONTE: Mapas base: INSTITUTO..., 2010; NATAL..., 2016a

Elaboração: Francisco Júnior/CREA 210044763-7

Outras áreas de Natal podem expressar centralidades de natureza histórica, mas é o IPHAN quem tem autoridade para delimitar o centro histórico de uma cidade. É o caso de Igapó, por exemplo, bairro da Região Administrativa Norte, conhecido desde o processo de colonização como “Aldeia Velha” (ARAÚJO, 2004). Mas o diálogo estabelecido com o ente primaz da temática em foco, que é a centralidade de natureza histórica, orienta-nos a admitir o que estabelece o IPHAN, observando o “Centro Histórico de Natal” circunscrito aos bairros Cidade Alta, Ribeira e Rocas.

Seguindo essa orientação, a Fundação Cultural Capitania das Artes, em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo da Prefeitura Municipal do Natal, estabeleceu o “Corredor Cultural” (NATAL..., 2008), o qual se estende desde o bairro Cidade Alta até a Ribeira, contemplando quase toda a área estabelecida como “Centro Histórico de Natal” pelo IPHAN. Nesse corredor cultural, desenvolvem-se atividades como a visitação turística, roteiros pedagógicos, caminhadas que rememoram a história da cidade, aulas de fotografia, entre outros. Assim, uma vez estabelecido pelo IPHAN, principalmente, os bairros Cidade Alta e Ribeira se configuram como centralidades históricas na Cidade do Natal.

O diálogo com a Secretaria de Cultura e Arte de Natal revelou outras formas de apreensão da centralidade urbana em Natal, as quais são estabelecidas não segundo critérios acadêmicos, mas de modo pragmático, porque pela ação dos gestores públicos. Segundo a visão do Secretário Executivo, Lenilton Teixeira, central é o lugar dotado de capacidade técnica para comportar grande público, enquanto “espaço agregador”, haja vista a referida secretaria trabalhar com eventos culturais, exposições, *shows*, feiras de livros e festas comemorativas (TEIXEIRA, 2016, informação verbal³).

De acordo com a visão dessa secretaria, as centralidades de conformam nos locais onde estiverem ocorrendo, num dado lapso de tempo, eventos como: o Festival Literário de Natal (FLIN), que ocorre no Largo do Teatro Alberto Maranhão, na Ribeira; os festejos juninos, que buscam abranger as quatro regiões administrativas da cidade; o Natal e o *Reveillon*, cujos festejos ocorrem nos polos Redinha e Ponta Negra; e ainda o Carnaval, que ocorre em seis “Polos Multiculturais”, que são: Polo Ponta Negra, Polo Petrópolis, Polo Redinha, Polo Centro Histórico, Polo Redinha e Polo Rocas (PESQUISA DE CAMPO,

³ Entrevista concedida pelo Secretário Executivo da Secretaria de Cultura e Arte de Natal, Lenilton Teixeira, em 22/02/2016.

2016).

Teixeira (2016, informação verbal) aponta como alguns dos “espaços agregadores” ou centros nos quais se desenvolvem atividades culturais: na Região Administrativa Sul, o Estádio Arena das Dunas e o seu largo, no bairro Lagoa Nova; na Região Administrativa Norte, o Ginásio Nélio Dias e o seu largo, no bairro Lagoa Azul; e ainda, a Área de Lazer do Panatis; na Região Administrativa Leste, no bairro Cidade Alta, o perímetro entre o Beco da Lama e a Prefeitura Municipal do Natal, ao qual chama de “centro histórico”; no bairro das Rocas, o largo do Mercado Público Francisca Barros de Moraes (Mercado das Rocas), à margem da Avenida Duque de Caxias, onde ocorre o desfile do carnaval; no Largo do Atheneu, no bairro Petrópolis. Esses são alguns exemplos de centros, do ponto de vista da Secretaria de Cultura e Arte de Natal, nos quais a referida secretaria distribui seus eventos.

Da entrevista junto ao Secretário Executivo da Secretaria de Cultura e Arte de Natal, ficou claro que há uma preocupação em distribuir os eventos pelas quatro regiões administrativas da cidade. Mas, para que isso ocorra, a *forma*, que detém a condição “capacidade técnica” exigida para a realização de eventos, e que faz de certo lugar um “espaço agregador”, é quem define o que é e o que não é centro para a secretaria em discussão. Ou seja, é a *forma* quem define os *conteúdos* dos possíveis centros culturais em Natal. E, uma vez definidos os centros para os quais são direcionados os eventos, aí sim, os *conteúdos* passam a ter um caráter definidor da centralidade daqueles centros, porque se faz o motivo de atração do público ao qual determinados eventos se destinam, alguns dos quais a toda a sociedade natalense, como algumas festas universais.

A postura da Secretaria de Turismo de Natal com relação à definição de centro assemelha-se à da Secretaria de Cultura e Arte, porque também concebe “centro” como área com capacidade técnica para comportar grande público, chamando-os igualmente de “Polos Multiculturais”. E assim, distribui suas atividades nesses polos, o que se faz de modo semelhante entre ambas as secretarias, algumas vezes, em trabalho consorciado (MARINHO, 2016, informação verbal⁴).

A essa concepção de centro, que tem por base a capacidade técnica, a Secretaria de Turismo de Natal acrescenta um critério: a valorização de espaços relacionados a cenários culturais e polos turísticos. Dessa forma, em torno dos mesmos “Polos Multiculturais” elencados para Secretaria de Cultura e Arte, e dos cenários culturais e turísticos de Natal, a

⁴ Entrevista concedida pelo Diretor de Projetos, da Secretaria de Cultura e Arte de Natal, Daniel Marinho, em 25/02/2016.

Secretaria de Turismo de Natal desenvolve suas atividades entre dezembro e janeiro de cada ano, tendo como objetivo o incremento ao turismo, lazer, esporte e entretenimento na cidade (MARINHO, 2016, informação verbal).

Além dos eventos promovidos pela Secretaria de Cultura e Arte, em prol dos quais a Secretaria de Turismo também trabalha, destaca ainda: o “Natal em Natal”, que ocorre no Largo do Arena das Dunas; feiras nacionais, regionais e internacionais, como a Feira Internacional do Artesanato (FIART), que acontece no Centro de Convenções, na Via Costeira; o Festival Gastronômico, que ocorre no Largo do Arena das Dunas; encerrando seu calendário com a Festa de Santos Reis, no bairro das Rocas.

Em seu Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS), a Secretaria Municipal de Turismo aponta os bairros centrais para o turismo em Natal, por apresentarem maior oferta de produtos e atrativos turísticos, conforme o Quadro 01, a seguir.

QUADRO 01 – Bairros centrais para o turismo em Natal

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRROS
Leste	Santos Reis, Rocas, Praia do Meio, Areia Preta, Mãe Luiza, Ribeira e Cidade Alta;
Norte	Redinha;
Sul	Ponta Negra;
Via Costeira/diversos bairros	Parque das Dunas.

FONTE: NATAL..., 2013, p. 25; Pesquisa de Campo, 2016.

Dentre os bairros indicados no Quadro 01, como detentores de atrativos turísticos em Natal, alguns deles se confundem com aqueles considerados “Polos Multiculturais”. Dessa forma, esse dado não apenas reafirma a prática da definição das centralidades urbanas voltadas para a cultura e o turismo em Natal, como também revela que não é apenas a capacidade técnica, no sentido de comportar grande público, que define esses centros, mas também seus atributos, sejam eles naturais – as praias e o Parque das Dunas; mas também atributos culturais – o corredor cultural ou a “ginga com tapioca” da Redinha.

Outras áreas centrais da atividade turística em Natal são concebidas e praticadas sob a forma de “Corredores do Turismo”, os quais estão elencados no Quadro 02, a seguir, bem como indicados seus respectivos atributos turísticos.

QUADRO 02 – Corredores do turismo em Natal

CORREDORES	ATRIBUTOS TURÍSTICOS
CORREDOR 1: Avenidas Prudente de Moraes, Omar O’Grady, Nilo Peçanha e Presidente Getúlio Vargas.	Acesso à “área central da cidade”, às praias urbanas, ao estuário do Rio Potengi e ao Corredor Cultural; pontos de interesse turístico, como: o Estádio Arena das Dunas, o Parque das Dunas e os principais <i>shoppings centers</i> de Natal.
CORREDOR 2: BR-101, Avenidas Senador Salgado Filho, Hermes da Fonseca e Coronel Joaquim Manoel.	<i>Shoppings centers</i> , supermercados, escolas e universidades, igrejas, centros de negócios, hospitais e postos de combustível; possibilita o acesso à “área central” da cidade, ao hoteleiro e a pontos de interesse turístico, como o Estádio Arena das Dunas e o Parque das Dunas.
CORREDOR 3: RN-063 (Rota do Sol Sul) e Avenida Engenheiro Roberto Freire.	Acesso a áreas de grande potencial turístico, como as praias de Cotovelo, Pirangi, Búzios, Tabatinga e Barreta; acesso a Ponta Negra, Capim Macio e à Avenida Senador Salgado Filho.
CORREDOR 4: Avenidas Dinarte Mariz (Via Costeira), Café Filho e Ponte Newton Navarro.	Principal percurso utilizado pela demanda turística originada da rede hoteleira de Ponta Negra em direção aos pontos turísticos da R.A. Leste e Norte da cidade; liga Ponta Negra à Ponte Newton Navarro; concentra a rede hoteleira da cidade.
CORREDOR 5: BR-226, Avenidas Presidente Ranieri Mazzili, Napoleão Laureano, Felizardo Moura, Ponte de Igapó e João Medeiros Filho.	Liga as R.A. Oeste e Norte; acesso ao Aeroporto de São Gonçalo do Amarante.

FONTE: NATAL..., 2013, p. 25; Pesquisa de Campo, 2016.

Dentre os “corredores do turismo” em Natal, os quatro primeiros – do 1 ao 4 – estão concentrados entre as Regiões Administrativas Sul e Leste, o que revela que é no sentido dessas duas regiões administrativas que se processam as atividades turísticas na cidade, sendo em torno das referidas regiões que se conformam as centralidades de natureza turística. Até mesmo ao analisarmos os “atributos turísticos” indicados para cada um dos referidos corredores, vemos que quanto ao corredor 5, este não se apresenta senão como via de acesso; diferente dos demais corredores, que apresentam pontos de visitação turística, porque neles há atrativos naturais ou culturais, bem como a promoção de eventos. É importante ainda destacarmos que o “Corredor 4” é considerado o corredor turístico da cidade por excelência, haja vista corresponder à Via Costeira, que se configurou em importante projeto de implantação e desenvolvimento do turismo em Natal e no Rio Grande do Norte (NATAL..., 2013).

Ao compararmos as concepções de centro – ou centros – na Cidade do Natal por parte das Secretarias de Cultura e Arte e da Secretaria de Turismo, estas apontam para “Polos Multiculturais”, revelando, mais uma vez, a diversidade segundo a qual a centralidade se expressa na cidade, a exemplo da centralidade que também se conforma a partir das atividades

de natureza econômica. Ademais, os eventos promovidos por ambas as secretarias em discussão “*fomenta uma cadeia produtiva em torno dos eventos, da qual o poder público municipal tem ainda que zelar; por exemplo, os ambulantes*”, como defende Teixeira (2016, informação verbal).

Ao aceitarmos a concepção de centralidade urbana como a capacidade de alguns lugares de atrair fluxos, e fluxos de pessoas (SPOSITO, 2010), buscamos diálogo também junto à Secretaria de Mobilidade Urbana de Natal (SEMOB), com o objetivo de identificarmos as áreas de maior concentração de fluxos na cidade. Nessa secretaria, dois departamentos foram consultados: um primeiro, que trabalha com estudos e projetos, cuja preocupação se volta para o volume de pessoas transportadas na cidade, no caso de transportes coletivos; e outro, que se volta para a engenharia de trânsito, mais afeito ao volume de veículos em circulação na cidade, preocupado então com a fluidez e a mobilidade urbana.

Para a SEMOB, a concepção de centro é expressa nos “polos geradores de trânsito”, que são: a “Zona Norte”, o Alecrim, a Cidade Alta, o “corredor dos *shopping centers*” e a Via Costeira. Esses polos são concebidos a partir do levantamento da média mensal de passageiros transportados na rede de ônibus em Natal, principalmente. Dessa forma, é para esses “polos geradores de trânsito” que se volta a gestão da municipalidade em relação à mobilidade urbana, porque, para atender à demanda desses polos precisa de haver fluidez no trânsito e nos transportes (MAIA; OLIVEIRA, 2016, informação verbal⁵).

Dessa concepção de centro como “pólo gerador de trânsito”, porque atrai pessoas, é que resulta o que o Departamento de Engenharia de Trânsito da SEMOB chama de “Quadrilátero Central de Natal”, definindo-o como o perímetro no qual se concentram os fluxos de trânsito na cidade (SPINOLA, 2016, informação verbal⁶), conforme o Mapa 02.

⁵ Entrevista concedida pela Chefe do Departamento de Estudos e Projetos da SEMOB, Nadja Maia, em 22 de fevereiro de 2016; e pelo Agente de Trânsito, do mesmo departamento, João Paulo de Oliveira, em Natal, em 15 de abril de 2016.

⁶ Entrevista concedida por Marconi Spinola, Diretor do Departamento de Engenharia de Trânsito da SEMOB, em 27 de janeiro de 2016.

MAPA 02 – Quadrilátero Central de Natal



FONTE: Mapa base: NATAL..., 2016b; Informações: SPINOLA, 2016;
Elaboração: Francisco Júnior/CREA 210044763-7.

O perímetro estabelecido pela SEMOB como “quadrilátero central de Natal” abrange parte das Regiões Administrativas Leste e Sul, regiões detentoras da maior concentração de empresas de comércio e de serviços. Ao se apresentar sob a forma de um *continuum* entre as duas regiões mais dinâmicas da economia terciária da cidade, reafirma o *núcleo do centro histórico de Natal* como lugar central clássico na cidade, reafirmando também que fora no

sentido sul de Natal que as atividades terciárias se expandiram de a década de 1980, com a expansão das atividades do varejo moderno na cidade, cujo marco histórico foi a instalação do Hiper Bompreço Lagoa Nova, dando início à formação de novas centralidades.

Na verdade, o referido “quadrilátero” sintetiza e dialoga, de forma gráfica, com as mais diversas expressões de centralidade urbana em Natal e seus respectivos centros, porque, para ele e por ele, converge a maioria dos fluxos de dinamizam a vida urbana em Natal, não só internamente ao perímetro desse “quadrilátero”, mas também no seu entorno.

Tendo apresentado os resultados dos “meandros” trilhados com vistas à apreensão da natureza da centralidade urbana em Natal, os quais contemplaram, até o momento, *conteúdos* que expressam centralidades de natureza histórica, cultural e econômica, entendemos que ainda faltam ser contempladas as expressões de centralidade urbana de natureza simbólica e ideológica. Para este fim, lançaremos mão do conhecimento obtido em decorrência da vivência pessoal com o espaço urbano de Natal, além de alguns resultados obtidos por ocasião da pesquisa de campo.

A respeito da centralidade urbana de natureza simbólica, ao apreendermos seus *conteúdos* voltados às expressões da fé ou da religiosidade, podemos dizer que o bairro Cidade Alta é o que apresenta maior expressividade dessa natureza de centralidade. Nesse bairro, estão presentes: a primeira Igreja protestante no Rio Grande do Norte, que data de 1896, figurando como importante marco de mudança do eixo arquitetônico dos templos de Natal, que até então tinha sua expressão limitada ao domínio do catolicismo; o Museu de Arte Sacra, instalado no Convento Santo Antônio/Igreja Santo Antônio/Igreja do Galo”; a Praça Padre João Maria, com forte apelo à religiosidade popular; o Palácio Episcopal, enquanto sede do governo da Arquidiocese de Natal, juntamente com Cúria, na Catedral Metropolitana de Natal, instalado desde 1929, sob o governo de Dom Marcolino Dantas, até a atualidade, com Dom Jaime Vieira Rocha (PESQUISA DE CAMPO, 2016). Essas *formas*, por si só, não definem uma expressão de centralidade urbana de natureza simbólica, antes, o seu *conteúdo*, o qual atrai público tanto pela visita turística quanto pelas diversas manifestações do sagrado que ocorrem em certos períodos do ano.

Já quanto à centralidade de natureza ideológica, identificamos como expressão clássica dessa natureza de centralidade a Praça 7 de Setembro, localizada no bairro Cidade Alta, a qual se configura como centro ideológico para onde convergem os fluxos políticos e ideológicos, tendo lugar, na referida praça greves, acampamentos e manifestações da sociedade civil.

Mas, a exemplo das centralidades de natureza econômica, outro “centro ideológico” vem se conformando na Cidade do Natal. É o caso do *continuum* que conforma, em dados momentos, abrangendo parte da Avenida Hermes da Fonseca, tendo como ponto de concentração o Shopping Midway Mall, e parte da Avenida Senador Salgado Filho, tendo como ponto de concentração o Shopping Via Direta.

Nesse centro, ganham lugar as mais expressivas manifestações políticas da sociedade civil natalense, abrangendo lutas que abrangem: lutas contra aumento de passagens de transportes coletivos; greves de trabalhadores e estudantes; manifestações da abrangência estadual e nacional; e ainda, manifestações pontuais, de expressões ideológicas em torno de temáticas como violência, segurança, questões de gênero, entre outras.

Esse mais novo centro atesta que tal qual a centralidade urbana de natureza econômica, também a centralidade de natureza ideológica dirigiu o vetor da sua expansão – ou dispersão – no sentido sul de Natal. Isto porque o econômico é composto, além das empresas, de pessoas, tanto as que operam estas empresas quanto as que consomem os produtos ofertados nestas empresas. E essas pessoas estão imbuídas de ideias políticas, querendo também expressar-se e apropriar-se do espaço coletivamente construído.

Entendemos que uma busca razoável para a apreensão da centralidade urbana de faz sob a forma de “meandros”, a propósito do título deste artigo, face à diversidade da natureza dessa centralidade, a qual traz em si *conteúdos* de natureza histórica, cultural, simbólica, ideológica e econômica. E dentre esses *conteúdos* que constituem e expressam a natureza da centralidade urbana, o econômico é proeminente no meio urbano pelo fato de ser o comércio a razão de ser, a essência da cidade.

Desse modo, ao analisarmos a dinâmica econômica que fomenta a centralidade urbana, identificaremos que, junto a essa centralidade de natureza econômica, as centralidades de demais naturezas articulam-se a esta que é proeminente. Ou, visto de outro ângulo, quando analisamos as centralidades de natureza diferentes da econômica, esta lá se faz presente, porque é quem dá vida, dá movimento ao urbano.

4 Considerações Finais

Na busca para a apreensão da centralidade urbana, muitos são os caminhos, diversos são os ângulos de análise. Mas, quase sempre, os trabalhos acadêmicos enveredam pela dimensão econômica da centralidade, empreendendo verificações de cunho econômico, o qual

se expressa, quase sempre, pela ocupação do solo por atividades comerciais. Há ainda a clássica abordagem do centro histórico, muito afeita aos urbanistas e historiadores, e que aponta para a definição do que ficou consignado como centro histórico das cidades.

Mas neste artigo, optamos por empreender um diálogo com a diversidade que se faz no espaço urbano, porque um espaço heterogêneo. Tal diversidade indicou-nos dimensões de centralidade que abrangem o histórico, o econômico, o cultural, o simbólico e o ideológico.

Dessa forma, podemos afirmar que há uma diversidade de centros numa mesma cidade, face à diversidade de *conteúdos* próprios da natureza da centralidade que conforma um ou outro centro, e que cada centro detém, segundo a sua natureza, a centralidade que lhe é inerente.

Por fim, entre meandros e entrecruzamentos de centralidades urbanas de natureza diversa, é que propomos a sua apreensão, evitando assim análises estanques em cada uma, buscando, antes, abarcar a sua dinâmica e totalidade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Josélia Carvalho de. **Outra Leitura do “Outro Lado”**: o espaço da Zona Norte em questão. (Dissertação de Mestrado) Mestrado em Geografia. Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004. 267 f.
- CHRISTALLER, Walter. **Os lugares centrais na Alemanha do Sul**. Tradução de Mário Antonio Eufrazio. São Paulo: [s.n.], 1981.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. Área central – mudanças e permanências: uma introdução. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 9. 2005, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2005.
- COSTA, Andréa Virgínia Freire. **Centro histórico de Natal**. Entrevistadora: Josélia Carvalho de Araújo, 2016. (Anotações de campo).
- MAIA, Nadja. **Fluxos de trânsito e transportes em Natal**. Entrevistadora: Josélia Carvalho de Araújo, 2016. (Anotações de campo).
- MARINHO, Daniel. **Centros turísticos em Natal**. Entrevistadora: Josélia Carvalho de Araújo, 2016. (Anotações de campo).
- NATAL. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. **Natal: história, cultura e turismo**. Natal: DIPE/SEMURB, 2008.
- _____. Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento **Econômico. Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS)**. 1 cd-room. jul. 2013.

OLIVEIRA, João Paulo de. **Fluxos de trânsito e transportes em Natal**. Entrevistadora: Josélia Carvalho de Araújo, 2016. (Anotações de campo).

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido**: os dois circuitos da economia dos países. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____. **Economia espacial**: críticas e alternativas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SPINOLA, Marconi. **Fluxos de trânsito e transportes em Natal**. Entrevistadora: Josélia Carvalho de Araújo, 2016. (Anotações de campo).

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Multi(poli)centralidade urbana. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SANT'ANNA NETO, João Lima. **Uma geografia do movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Seminário ministrado junto à disciplina Colóquios Temáticos**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: [s.n.], 2013.

TEIXEIRA, Lenilton. **Centro cultural em Natal**. Entrevistadora: Josélia Carvalho de Araújo, 2016. (Anotações de campo).

Josélia Carvalho de Araújo – licenciada, bacharel, mestre e em geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; professora do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, atuando na área de ensino de geografia; endereço postal: Rua Porto de Tubarão, 1291 – Soledade II – Potengi – Natal – CEP 59.127-360; endereço eletrônico: joseliacarvalho@gmail.com